



**Um clique, dois cliques, três cliques: o
uso de telefones celulares como proposta
educ comunicativa com jovens
de comunidade popular**

.....

Romulo Tondo

1. INTRODUÇÃO

A construção do conhecimento no século XXI está para além da educação formal. O conhecimento é (re)construído e circula para além dos muros da escola, em nosso caso, e em muitos outros, ele ganha a comunidade, a interação entre os sujeitos e também como essas pessoas consomem e trabalham as questões relacionadas às mídias, seja o jornal, a televisão, a internet e como vem apropriando dos dispositivos móveis, em especial os telefones celulares, em suas ações cotidianas. Como proposta de ensino e aprendizado oportunizado pela e através da mídia, decidi trabalhar com o uso do telefone celular¹ e a captação de imagens por educandos de uma escola rede pública da zona oeste de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Essas atividades, em formato de oficina, ocorreram na escola Anita Garibaldi, uma escola de ensino fundamental e médio pertencente à 8ª Coordenadoria da Educação (8ª CRE). A escola encontra-se no limite geográfico de dois bairros populares da cidade e os educandos da escola Anita Garibaldi são provenientes desses dois bairros. A oficina foi planejada e desenvolvida em três módulos no turno da tarde, nos períodos das aulas de Língua Portuguesa/Literatura Brasileira e História, onde os educandos seriam sensibilizados a trabalhar com a educação para as mídias, e posteriormente, capacitados a trabalhar com técnicas de captação de imagens em seus telefones celulares. Para ter uma melhor compreensão do impacto da mídia na vida desses educandos, antes das oficinas, foi aplicado um questionário sobre o nível de consumo midiático pelos jovens dos dois primeiros anos do ensino médio da escola, que atualmente encontra-se em fase de implementação dos níveis de ensino médio: primeiro ano, segundo ano e terceiro ano. Ao promover a inclusão das séries de ensino médio na escola, as turmas apresentam em média 23² educandos cada uma delas. Dessa forma, foi possível formar uma única turma com todos os estudantes do ensino médio da escola para o desenvolvimento da atividade pedagógica com uso de telefones celulares. A oficina teve como proposta norteadora a educomunicação, ou seja,



1 Essa oficina faz parte da proposta metodológica da investigação em andamento, em nível de mestrado em Comunicação, com os jovens moradores do bairro Jardim Aurora e o consumo de telefones celulares por esses na construção e manutenção de suas redes de afinidade, principalmente no que tange as afetividades dos jovens com o telefone celular e a partir do mesmo.

2 Durante o ano de 2014, referente a aproximação com os jovens do Jardim Aurora, tive a oportunidade de conviver com 43 educandos e 5 educadores da escola Anita Garibaldi.

nas atividades propostas, os jovens foram instigados a propagar a visão que possuem da comunidade através da captura de imagens que lhes resgatem algum sentimento proveniente do pertencimento desta comunidade. Nessa perspectiva, o telefone celular é compreendido como um Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes (LEMOS, 2007), caracterizando-se como um “dispositivo” porque é um artefato, uma tecnologia de comunicação; “híbrido” por agrupar as funções de um telefone, um computador, câmera de foto e de vídeo, processador de texto e GPS; “móvel” porque podemos carregá-lo para todos os lados e funciona por redes sem fio digitais, ou seja, de “Conexão”; e por fim “Multirredes”, podendo empregar diversas redes, tais como **bluetooth**, infravermelho, internet e redes de satélites. Ao mesmo tempo em que torna-se uma tecnologia afetiva (Lasen, 2004) capaz de despertar e apresentar os afetos cotidianos experimentados por estes jovens.

2. O PRIMEIRO CLIQUE: A EDUCOMUNICAÇÃO COMO ENQUADRAMENTO

Para o desenvolvimento das oficinas, os educandos envolvidos na atividade foram sensibilizados a trabalhar com a Educomunicação, que consiste em uma proposta pedagógica que utiliza os meios de comunicação para o desenvolvimento da educação. Segundo Donizete Soares (2006), o neologismo educação é mais que a simples junção da educação com a comunicação. O pesquisador aponta para a existência de uma relação entre as duas áreas, favorecendo esta interface e na construção e elaboração de uma ação. Desta forma, a educação reconhece todo o empoderamento do sujeito gerada através da educação para os meios, favorecendo o diálogo entre atores envolvidos sempre de forma horizontal e plural, onde todos podem colaborar a partir de suas próprias experiências de vida. Nas experiências de Soares (2006) a educação:

Trata-se, então, de um espaço no qual transversa saberes historicamente constituídos. Como um tabuleiro no qual se lançam pedras para, com elas, construir grandes lances – assim se apresenta esse novo campo. Não importa a origem das peças, assim como não se privilegia quem possa colocá-las ali. Seja qual for o tipo ou a forma de conhecimento, o campo não somente tem condições de recebê-lo, mas, sobretudo, de promover o diálogo com ele e dele com os outros. Isto é: se há – ou tem de haver – algo que particulariza, caracteriza ou é específico desse campo chamado de Educação é a sua capacidade de entrecruzar saberes, promovendo

a interlocução ou a conversa entre os que constroem e/ou se utilizam desses saberes. (SOARES, 2006, p. 3)

Levando em consideração tais aspectos da educomunicação, foi articulado um conjunto de ações que culminaram no aprendizado multidisciplinar dos participantes da oficina que articulou as seguintes áreas de conhecimento: educação, comunicação, cultura, família, sociedade, direitos, mobilização e participação comunitária. A principal ideia desta oficina foi utilizar as técnicas e as linguagens comunicacionais, principalmente o uso do telefone celular para captura de imagens estáticas, para inseri-los em um ambiente de produção de informação que pudesse ser compartilhado com suas redes, seja no ambiente comunitário ou até mesmo com suas redes sociais digitais, para que seus olhares pudessem estar (des)conectados as suas redes.

Ao longo das atividades desenvolvidas na oficina, os jovens foram instigados a trabalhar com a comunicação comunitária, mostrando as pluralidades e o diferencial daquele espaço comunitário, dessemelhante, muitas vezes, da visão apresentada pela mídia santa-mariense. Sendo assim, os participantes da oficina refletiram sobre a mídia, a vida na escola e no ambiente comunitário, além de produzir imagens que estivessem interligadas à comunidade, captadas através de fragmentos da realidade comunitária, levando em consideração as vivências em sociedade, favorecendo desta forma a troca de saberes entre osicineiros e os adolescentes, culminando em uma ação educacional que visou a compreender o olhar e sentimento destes sujeitos pela comunidade em que vivem.

3. O SEGUNDO CLIQUE: A CÂMERA FOTOGRÁFICA E A CONEXÃO COM O OLHAR

A lente da câmera fotográfica do celular, capaz de capturar a imagem estática e em movimento, é tida aqui como uma extensão do olhar. Apropriamo-nos das ideias dos pesquisadores Marshall McLuhan (2007) e Amparo Lasén (2004) para compreender este **gadget** eletrônico, principalmente da lente, como sendo capaz de auxiliar na percepção que os jovens possuem da comunidade em que convivem com sujeitos que muitas vezes não são provenientes de suas relações sociais. É na perspectiva proposta por McLuhan (2007) que:

É a contínua adoção de nossa própria tecnologia no uso diário que nos coloca no papel de Narciso da consciência e do adormecimento subliminar em relação às imagens de nós mesmos. Incorporado continuamente tecnologias, relacionando-nos a elas servomecanismos. Eis por que, para utilizar esses objetos-extensões-de-nós-mesmos, devemos servi-los, como a ídolos ou religiões menores (MCLUHAN, 2007, p. 64).

Da mesma forma, a socióloga Amparo Lasén (2004) acredita que os usuários dos telefones celulares desfrutam de uma relação com seus aparelhos, isto porque possuem uma relação intrínseca da comunicação humana, e ao mesmo tempo pelo fato que os celulares estão próximos dos usuários, tornando-se uma “extensão do corpo humano, ao mesmo tempo em que se estendem e aumentam as suas capacidades” (LASÉN, 2004, p. 1), favorecendo, desta forma, uma afetividade que os sujeitos nutrem com os dispositivos. Segundo a autora, os telefones celulares não são somente uma extensão de seus proprietários, mas também “um elemento importante para a construção e manutenção de grupos e comunidades” (LASÉN, 2004, p. 1). Esta noção proposta por Amparo Lasén vem a contribuir de Castells, Fernández-Ardèvol, Qiu e Sey (2007) que apontam que a câmera fotográfica presente nos celulares tornou-se alvo de constantes críticas sobre a proposição e utilização destes recursos por sujeitos em diferentes partes do mundo. Os autores trazem três exemplos de ações que ocorreram no Japão com a popularização deste gadget, mas que pode ser observado em qualquer país inserido no mercado de bens de consumo. O primeiro deles é a utilização da câmera para tirar foto das peças íntimas das mulheres que utilizam saias ou até mesmo em casas de banhos públicas sem autorização destes sujeitos. O segundo foi o que chamado “digital shop-lifting” (CASTELLS ET AL, 2007, p. 118), em outras palavras, a utilização da câmera fotográfica para captar imagens de produtos que possuem direitos autorais. Segundo os autores, a maioria das vezes, foi utilizada para fotografar o conteúdo das revistas afetando, desta forma, a vendagem das mesmas. A terceira e última é a utilização da câmera do celular como prática ofensiva: “usá-la como uma ferramenta de coerção, muitas vezes acompanhada de atos de violência” (CASTELLS ET ALL, 2007, 118).

Esta última prática envolvendo a câmera do celular também pode ser vista por inúmeras vezes em espaços escolares brasileiros, preocupando não somente os diretores, professores, mas também os familiares de muitos jovens com relação

a prática da violência dentro do espaço escolar ou em suas imediações. A prática desta violência, o bullying, era filmada, e posteriormente, enviada em poucos minutos para a rede do agressor através dos recursos tecnológicos disponíveis no aparelho.

4. O TERCEIRO CLIQUE: O SENTIMENTO PELA E COM A TECNOLOGIA

Trabalhar com emoção ou qualquer forma de sentimento com jovens não é uma tarefa fácil, em determinados momentos é gratificante ver o adolescente encontrar nos exemplos trabalhados algo que lhe identifica, no entanto, também é nossa tarefa, como pesquisadores, compreender o “estar” adolescente na sociedade contemporânea que é algo extremamente ocioso, tendo em vista que a “adolescência e juventude se estendem a todos aqueles que vivenciam a experiência de estar em algum lugar entre a infância e a vida adulta” (ROCHA e PEREIRA, 2007, p. 21). Muitos adolescentes são vistos como imaturos para assumir responsabilidades e, por isso, não são compreendidos por seus pais. Em nossas ações, buscamos compreender este jovem em toda sua potencialidade, vigor e angústias, principalmente ao que diz respeito aos suas relações com a comunidade e a mídia tradicional. As discussões foram, por muitas vezes, acaloradas e possível compreender no discurso de muitos adolescentes sobre a negligência com que a mídia vem tratando recentes acontecimentos na comunidade, mostrando somente o lado negativo de ser morador deste bairro. Tendo em vista os usos do celular por grande parcela destes jovens, houve a capacitação sobre fotografia e lhes foi incumbida à missão de mostrar a visão que eles possuem da comunidade para outras pessoas, principalmente aqueles que não vivem na comunidade.

Nesta perspectiva do celular como mediador das emoções, apropriamo-nos da visão da socióloga Amparo Lasén que percebe os telefones celulares como “objetos que mediam a expressão, apresentação, experiência e comunicação de sentimentos e emoções” (LASÉN, 2004, p. 1) por parte daqueles que utilizam tal tecnologia. Mas, o uso do celular como tecnologia afetiva está para além da interação na rede mundial de computadores, ela encontra-se no conteúdo com que o usuário deposita dentro do dispositivo, elencando uma série de ações que fazem com que o aparelho seja visto como uma extensão do seu cotidiano, contendo fotografias, anotações, músicas, informações de contatos e outras formas

de resgate e personificação do celular como algo pessoal. Para a pesquisadora, “o uso do telefone celular também facilita a redefinição dos códigos de interação humana”, exemplo disto é a crescente utilização dos celulares dentro de espaços coletivos como ônibus, praças e parques, tanto por jovens como adultos. Anteriormente, algo que era visto como grosseiro, hoje é tido como algo inerente da comunicação via celular. Outro fato que caracteriza o uso do celular para fins de afetividade é utilização dos recursos fotográficos. Nas palavras de Lasén, os celulares contribuem para:

manter um registro e compartilhar um momento de celebração comum, tais como festas, noites fora, e aniversários. Outro exemplo de imagens tiradas com câmeras do celular, que contribuem para sustentar os relacionamentos são fotos de lugares e objetos com um interesse particular para os usuários ou para alguém que eles conhecem, como um bom restaurante italiano no caminho do trabalho para mostrar ao marido; ou um par de sapatos em uma vitrine para mostrar a um amigo (LASÉN, 2004, p. 3).

Ser jovem nesta comunidade não é diferente tendo em vista que a prática fotográfica pode ser observada também em momentos anteriores a realização das atividades da oficina.

5. OLHARES (DES)CONECTADOS: A FOTOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DE OLHARES COMUNITÁRIOS

A experiência da (des)construção midiática possibilitou que os educandos tivessem a possibilidade de pensar e sistematizar um olhar da comunidade do Jardim Aurora, atualmente, alvo de inúmeras retratações de violência e descaso com os próprios moradores da localidade. Para esses jovens, a mídia acaba deturpando a imagem dos moradores e da própria história de habitação e construção dos sonhos das pessoas que lá vivem. Como recorte, mostramos algumas das imagens captadas por estes jovens tendo como enquadramento: a paisagem urbana em constante construção, tendo em vista que o Jardim Aurora é uma apropriação das terras do Estado e ainda existem famílias buscando um espaço para a construção de suas casas.



Fotografias 1, 2 e 3: As imagens acima apresentam os moradores do bairro Jardim Aurora em alguns momentos cotidianos. O trabalho realizando a pintura de uma madeira, a jovem caminhando em direção a parada de ônibus e o idoso regressando a sua casa após realizar compras no mercado da comunidade.



Fotografias 4 e 5: A busca pelo melhor enquadramento e por um olhar diferenciado está na proposta elaborada pelo jovem fotógrafo ao realizar a sua proposta de imagem deitado na rua ou agachado.

Um clique, dois cliques, três cliques: o uso de telefones celulares como proposta educ comunicativa com jovens de comunidade popular



Fotografias 6 ,7 e 8: As imagens apresentam o olhar dos jovens da escola, espaço onde convivem com seus educadores e colegas. Na maioria das vezes, a escola também é o ponto de encontro desses jovens para a construção e manutenção de suas redes de afinidade.



Fotografias 9, 10 e 11: Apresentam o olhar dos jovens sobre o descaso com a própria comunidade. Em partes do governo da creche da comunidade e dos próprios moradores ao deixarem resíduos em locais desapropriados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educomunicação como proposta de aproximação com os jovens do Jardim Aurora serviu como um ponto de partida para reflexões que envolvam a troca de saberes de forma horizontal. Nesta oficina de fotografia, não foi diferente, investigador e educandos foram responsáveis por trocarem experiências sobre conhecimentos distintos, porém complementares para a execução das ações. A (des)construção da mídia e a captação das imagens com o olhar desse jovem sobre as práticas cotidianas na comunidade foram imprescindíveis para a construção

da etnografia do consumo de smartphones, através dos usos e apropriações, em desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação da professora doutora Sandra Rubia da Silva. Dessa forma, a oficina serviu não somente como uma aproximação com a comunidade, mas também na manutenção e aperfeiçoamento daquilo que como investigador acho importante, o retorno do conhecimento para a comunidade. Capacitar e formar cidadãos críticos também são tarefas dos Comunicadores Sociais, apesar de muitos estarem ligados a organizações privadas e comerciais, existem aqueles, assim como eu, que buscam na Ciência e na divulgação da mesma uma forma de melhorar as ações cotidianas. Sendo assim, a oficina serviu como elemento de tensionador para desconstruir o que a mídia santa-mariense vem apresentando em suas construções sobre a comunidade e ao mesmo tempo mostrar que os jovens das comunidades que compõem a escola Anita Garibaldi estão engajados na construção do seu olhar do bairro e das ações comunitárias. A partir desta oficina, outras mais foram apresentadas aos jovens, e a participação dos professores em programas como o “Mais Educação” e o “Escola Aberta”, programas governamentais que apoiam a construção coletiva por seus estudantes.

Para os educandos da Anita Garibaldi e aos professores os co-criadores desta iniciativa, fica aqui meu agradecimento e um até logo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society: a global perspective**. Cambridge: MIT Press, 2007.

LASEN, Amparo. **Affective Technologies: emotions and mobile phones**. Surrey: The Digital World Research Centre, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/xJyzbO>> 22. jun. 2014

LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, vol. 4, nº 10, 2007.

Um clique, dois cliques, três cliques: o uso de telefones celulares como proposta educ comunicativa com jovens de comunidade popular

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul/dez. 2007.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. **Juventude e Consumo**: um estudo sobre comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – O que é isto?** Disponível para acesso em: <<http://goo.gl/x3o5IK>> Acesso em: 29. Mai.2014.

•• O AUTOR ••

Romulo Tondo é Jornalista (UFSM) e Especialista em Políticas e Intervenção em Violência Intrafamiliar (Unipampa). Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM (Poscom), integrante do grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais, coordenado pela professora Sandra Rubia da Silva. Bolsista Capes. E-mail: romulotondo@gmail.com.